



O ESCRAVO NARRADOR NA FICÇÃO DE PEPETELA

Sebastião Marques Neto

Mestre em Família na Contemporaneidade (UCSAL)

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a construção ficcional da voz narrativa em **A Gloriosa Família – O tempo dos flamengos** (1997), de Pepetela. A proposta de trabalho sobre o romance histórico do autor angolano é abrir alguns enunciados da obra, a partir do seu pensamento sobre a noção de discurso e poder, buscando a multiplicidade de acontecimentos que operam nos jogos entre o real e o ficcional; entre o fato histórico e a suas versões imersas nas práticas histórico-sociais. A ideia é articular o foco narrativo em seu duplo movimento: as epígrafes que registram a História sobre a África, em especial Angola, durante os sete anos de dominação holandesa, e a narrativa conduzida pelo escravo-narrador-personagem, ou seja, a narrativa angolana sobre a história do processo colonialista luso-holandês no século XVII.

Palavras-chave: Voz narrativa; Discurso e poder; Real e ficcional.

Slave narrator in Pepetela's fiction

Abstract: The aim of this article is to discuss the construction of fictional narrative voice in **The Glorious Family - The time of the Flemings** (1997), by Pepetela. The purpose of this work is to open some statements of work, from his thoughts on the notion of discourse and power, seeking the multiplicity of events that operate in the games between the real and fictional; between historical fact and their versions immersed in historical and social practices. The idea is to articulate the narrative focus in its double movement: the epigraphs that record the history of Africa, particularly Angola, during the seven years of Dutch rule, and narrative driven by the slave-narrator-character, ie the Angolan narrative about the history of Portuguese-Dutch colonialist process in the seventeenth century.

Keywords: Voice narrative; Discourse and power: Real and fictional.

O estudo sobre a representação a voz narrativa no tempo da escravidão, em Angola do século XVII, se apresenta como um tema instigante, uma vez que a literatura africana promove diversas reflexões, como as que destaca Russel Hamilton (2000): “como é que uma literatura africana é escrita num idioma não-africano? Quais são as origens históricas? Como é esta literatura com respeito a conteúdo, temas e estilo?” (HAMILTON, 2000, p.11). Para responder a essas indagações, que perpassam qualquer



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

trabalho sobre literatura, foi realizada uma pesquisa a partir da obra **A Gloriosa Família** – O tempo dos flamengos (1997), de Pepetela (pseudônimo de Arthur Maurício Pestana dos Santos), uma vez que os fatores geográficos, étnicos, históricos, econômicos e políticos convergem para o espaço sociocultural construído pelo discurso literário, de que emerge um narrador especioso: um escravo mudo cuja criticidade recai sobre a vida familiar e suas relações sociais e políticas com o poder ora português, ora holandês, ora angolano.

Segundo Carmen Lucia Tindó Secco (2001), há um frescor nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa que burilam elementos ainda não escavados pelos estudiosos. Embora os primeiros textos, a que se refere a autora, estejam localizados na segunda metade do século XIX, apenas, na década de 30 do século XX, em Cabo Verde, com **Claridade**, revista literária surgida em 1936 na cidade do Mindelo, ilha de São Vicente, cujos autores Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva e Jorge Barbosa estiveram no centro de um movimento de emancipação cultural, social e política da sociedade cabo-verdiana e, em Angola, com **Mensagem** (1951), revista literária que seguia o movimento **Vamos Descobrir Angola**, liderado por Viriato da Cruz, cujos textos buscavam a singularidade angolana, bem como a expressão de revolta contra a opressão colonial portuguesa, as expressões literárias começaram o seu processo de independência dos paradigmas europeus e colonialistas.

Nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX, as literaturas africanas ganharam relevância por conta de estudantes africanos, como Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Mário Pinto de Andrade entre outros reunidos na Casa dos Estudantes do Império de Lisboa. Esses jovens escritores

[...] iniciaram, sob os ecos da negritude francesa, do negrismo afro-americano e sob o signo do anticolonialismo, um movimento político-literário de valorização das literaturas de seus países. Nesse processo, além da negritude, cuja influência levou à defesa da africanidade no campo literário, tiveram também importância o Neo-Realismo português e o Modernismo brasileiro por seus conteúdos sociais que serviram de modelo à fundação do nacionalismo nessas literaturas. (SECCO, 2001, p.95)

www.veredasdahistoria.com



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Ainda segundo Secco (2001), a década de 1970 e o pós-independência trouxeram à tona uma literatura em que os escritores, através do humor, teceram a crítica da realidade. Em Angola, destacam-se Manuel Rui, Uanhega Xitu e Pepetela entre outros.

Pepetela é exemplo da literatura contemporânea africana em que as vozes silenciadas e os silenciamentos da vida angolana se esbatem, como pássaro engaiolado a buscar saídas quebrando as amarras do discurso oficial sobre a África. O silêncio, ou vozes silenciadas, representa a visão tradicional de que um escravo é objeto sem subjetivação, sem cultura, sem família, sem sentimentos de dignidade; um escravo é coisificado sob o olhar de uma época que se alonga até nós, muitas vezes, sob a égide do racismo. Já o silenciamento é, ao mesmo tempo, a estrutura colonialista e escravocrata que amordaça o escravo e censura qualquer forma de expressão cultural e subjetiva deste ser humano. Estratégia que também é o silenciamento para dificultar o acesso à terra espoliada – uma forma ativa e decidida de usar o que se sabe, calando-se diante do colonizador. (CHAVES, 2005)

Segundo Antônio Hildebrando (2000), o fio que liga, tematicamente, as obras de Pepetela é a questão da formação da nação angolana:

Se tivéssemos que nos perguntar sobre o que escreve Pepetela, a resposta seria simples: sobre Angola. Mas, se descobrir o tema principal da sua obra não é uma tarefa difícil, sabemos que não será possível desvendar, nesta breve exposição, todas as formas e pontos de vista de que ele se utiliza para abordá-lo. Em todos os seus textos fica clara a preocupação com a questão da nacionalidade, que forma uma espécie de fio condutor da sua produção literária, [...]. (HILDEBRANDO, 2000, p.304)

Acrescento que, em sua narrativa, ao buscar uma nação angolana, ocorre uma ruptura com a história oficial. E, nessa perspectiva, Pepetela evidencia um narrador que busca a identidade de seu povo e que busca a sua própria pertença familiar numa posição sutil que inquire o estigma de colonização, de escravo e de mestiço. A condição de enunciação deste narrador traça um desenho das condições políticas e do perfil subjetivo que desafiam a projeção de um olhar sobre a escravidão que seja linear, ou efetivado de cima para baixo, de forma apenas etnocêntrica. O narrador, em questão, é o escravo mudo, analfabeto e sem nome que nos conta do seu mundo, especialmente seu mundo



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

familiar. Somente nós, leitores, o ouvimos ou lemos as suas histórias sobre a família gloriosa afro-holandesa que se perfila multiplamente e independente da vontade patriarcal.

Sobre esse ponto, destaca Benjamin Abdala Junior (1989),

O engajamento literário leva o escritor à explicitação, criando formas do imaginário de ênfase política. Para ele, a literatura discute questões fundamentais do ser e da vida político-social e procura desenvolver estratégias discursivas tendo em vista romper com a alienação do cotidiano [...]. Mais do que a denúncia social, o engajamento literário solicita uma atitude reflexiva do leitor, quando suas expectativas interagem com as novas estruturas articulatórias. (ABDALA JUNIOR, 1989, p.188)

Segundo Alfredo Bosi (2002), existem, no mínimo, duas formas de se considerar a relação entre a escrita e os excluídos: a primeira, mais usual entre os historiadores de literatura, é ver o excluído social como “objeto da escrita”. A segunda forma seria o oposto, ou seja, “o excluído enquanto sujeito do processo simbólico”. (BOSI, 2002, p.259)

Pepetela opta, claramente, pela segunda forma, principalmente por colocar o foco narrativo em primeira pessoa, em um narrador-personagem que é um escravo mudo, analfabeto e sem nome que se torna o enunciador do processo simbólico de contador da história.

Ao escolher um narrador não convencional, o autor angolano

[...] constitui lugar a partir do qual os indivíduos destituídos de voz, por força das desigualdades sociais (e raciais), estabelecem a sua auto-representação. Ao tecerem as estratégias dessa literatura realizam-se como sujeitos da comunicação, isto é, manejadores de códigos através dos quais respiram e colocam em prática seus projetos de superação da exclusão social. (PEREIRA, 2000, p.38)

A publicação de **A Gloriosa Família**, de Pepetela, em 1997, pela editora Don Quixote, de Portugal, coincide com o ano de recebimento do Prêmio Camões pelo conjunto de sua obra. Pepetela foi o mais jovem escritor a receber esse prêmio que já foi ofertado a Jorge Amado (1994), José Saramago (1995) e, mais recentemente, a João Ubaldo Ribeiro (2008). Instituído pelos governos do Brasil e de Portugal, o Prêmio



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Camões de Literatura outorga ao vencedor anual a quantia de 100 mil euros pelo conjunto da obra em língua portuguesa.

A representação do foco narrativo na obra **A Gloriosa Família** – O tempo dos flamengos (1997), de Pepetela, é bastante especiosa e nada convencional, uma vez que o narrador-personagem é um escravo mudo, analfabeto e sem nome que estabelece os diálogos com os leitores, quase nunca com as outras personagens da obra.

O narrador, integrante ou espectador confesso das ações desenroladas ao longo do romance, transcende as dimensões espaciais e ideológicas nas quais um escravo deveria estar inserido, isto é, dentro de uma perspectiva assaz limitada para que conhecêssemos os meandros do processo colonialista através do seu olhar sobre a família Van Dum. Entretanto,

[...] na bodega, me encostava na parede mais próxima da mesa e ficava sentado no chão a ouvir e ver tudo. Na casa do major não podia entrar, um escravo não é convidado à residência do comandante geral da tropa. Tinha de ficar sentado fora, encostado à parede, por baixo da janela da sala. (PEPETELA, 1997, p. 85-6).

A saga da família mestiça aos olhos do escravo que, mesmo excluído da “civilização”, está presente como testemunha do que se passa ao seu redor. O poder do escravo é o de narrar a sua história em meio aos acontecimentos colonialistas da época; em meio a uma família afro-holandesa, que multiplica o seu poder através dos seus descendentes. O escravo-narrador percebe a questão do poder, na família mestiça, fragmentando-se, perdendo-se da mão do patriarca. Em certo sentido, explicita-se na narrativa do escravo, a emergência de outras forças, dentro da família, a romper com a força do pai. A entrada em cena dos filhos com seus desejos e perspectivas futuras em dissociação à manutenção do desejo do pai em fazer com que o negócio negreiro fosse hereditário.

Quem conta a história em **A Gloriosa Família** (1997) é um narrador-personagem que interfere no enredo, relatando os acontecimentos históricos, os sete anos de dominação holandesa em Angola, focalizando a família Van Dum e as outras personagens periféricas e, claro, apresentando a si próprio como um filho de um padre



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

napolitano, que a rainha Jinga mandara matar “porque dizia uma coisa e fazia outra” (PEPETELA, 1997, p. 24) com uma escrava lunda.

E para mostrar isso me deu de presente a Baltazar Van Dum, eu, uma das suas propriedades mais preciosas, filho de uma escrava lunda, é certo, mas também de missionário napolitano, louco pelo mato e pelas negras, que ela mandou matar, dizem sem prova nenhuma, talvez por me ter gerado, pois provocou grande escândalo na corte um padre que dizia uma coisa e fazia outra. (PEPETELA, 1997, p.24)

A fala acima transcrita nos revela um momento de autodescrição do narrador-personagem em que ele se vê como uma “propriedade preciosa” da rainha Jinga. Nessa focalização está implícita a busca de uma definição para o sujeito narrador que alia em si, paradoxalmente, o poder de narrar e o de ser o escravo. Um escravo diferente, especioso, capaz de avaliar a sua situação criticamente, ou seja, a condição de sujeito que reescreve a sua história e redimensiona o lugar que lhe reservado na história oficial.

O narrador-personagem é apresentado a nós, leitores, às vezes, pela voz de Baltazar, seu dono; que vê o colonizado de forma negativa, realçando preconceitos de diversas ordens com a finalidade de conquistar e ocupar o espaço para tirar as suas benesses.

– Não tem perigo. É mudo de nascença. E analfabeto. Até duvido que perceba uma só palavra que não seja de kimbundu. Sei lá mesmo se percebe Kimbundu... Umhas frases se tanto! Como pode revelar segredos? Este é que é mesmo um túmulo, o mais fiel dos confidentes. Confesse-lhe todos os seus pecados, ninguém saberá, nem Deus. (PEPETELA, 1997, p.393)

O retrato do colonizado (MEMMI, 2003) feito por Baltazar revela que “Para submeter o colonizado foi necessário quebrar-lhe a vontade, ‘coisificá-lo’, surrupiar-lhe a língua, as crenças, as tradições, engabelá-lo com mistificações e roubar-lhe a capacidade de escolha própria”. (AUGEL, 2007, p.133).

Entretanto, o narrador-personagem nos revela:

Sempre achei que o meu dono subestimava as minhas capacidades. Bem gostaria nesse momento de poder falar para lhe dizer que até francês aprendi nos tempos dos jogos de cartas. E que bem podiam baixar a voz ao mínimo



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

entendível que eu ouvia sem esforço, bastando ajustar o tamanho das orelhas. Mas se tão pouco valor me atribuía, então também não merecia o meu esforço de lhe dizer compreender o contrário, morresse com a sua idéia. Uma desforra para tanto desprezo seria contar toda a sua estória, um dia. Soube então que o faria, apesar de mudo e analfabeto. (PEPETELA, 1997, p.393)

A ficção de Pepetela permite-nos conhecer a história possível, a dos que perderam, ou são vistos como perdedores. Ironicamente, quem não fala é quem registra e nos dá conta daqueles destituídos de nomes e que não figuram nos livros oficiais de história. A questão do processo colonialista e seu enfretamento nas formas de subversão da invisibilidade do escravo, imposta pelo europeu, num processo de revelação crítica de quem produz o discurso narrativo. Pepetela, ao debruçar-se sobre o arquivo histórico da colonização empreende um deslocamento da voz narrativa. Em vez de ignorá-lo, ele o expõe, em forma de epígrafes, de modo que o foco narrativo silente se contrapõe a esses fatos “irrefutáveis”. A estratégia narrativa se estabelece em confronto com os fatos consagrados. O escravo - mudo se legitima como narrador através da sua vinculação com o espaço telúrico de sua terra e com a perspicácia em tecer a narrativa.

Segundo Maria de Fátima Maia Ribeiro (2007),

A privação da fala, porquanto mudo, pode ser tomada como translação metafórica do silenciamento imposto pelos colonizadores aos africanos, de que o narrador seria metonímia, revertendo-se o quadro pelo tomar da palavra para contar a história. (RIBEIRO, 2007, p.242)

Por que Pepetela elege o escravo mudo, analfabeto e sem nome para narrar a história da família Van Dum? E o que confere verossimilhança a essa narrativa? O aparente paradoxo de um escravo mudo e destituído de nome contar a história é o mote usado por Pepetela para revelar o universo africano, cheio de mitos, milagres e surpresas que sustentam a narrativa. Se buscarmos a condição desse narrador exercer a sua figura de enunciador da história, diríamos que é impossível, pois a sua mudez e, mais ainda, a sua condição de escravo o impediriam. Entretanto, o escravo mudo e sem nome é um narrador observador do que o rodeia, assiste à história produzida pelos europeus, convive



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

com as outras personagens, participa das subjetividades que envolvem a família do holandês e, acima de tudo, faz comentários irônicos e contrapontos culturais a partir de uma posição subalterna, que não o impede de ser capaz de interpretar a realidade. Ao contrário do narrador convencional ou clássico, este narrador especioso segue o modelo de Bakhtin, coloca a máscara de bufão para trazer ao público, ou ao leitor, o que foi sonogado, o que estava escamoteado pelo poder colonial.

Pepetela, ao escolher um narrador não convencional,

[...] constitui lugar a partir do qual os indivíduos destituídos de voz, por força das desigualdades sociais (e raciais), estabelecem a sua auto-representação. Ao tecerem as estratégias dessa literatura realizam-se como sujeitos da comunicação, isto é, manejadores de códigos através dos quais respiram e colocam em prática seus projetos de superação da exclusão social. (PEREIRA, 2002, p.38)

Vale discutir a posição do narrador, a partir de indagações do crítico literário Silvano Santiago: “Quem narra uma história é quem experimenta, ou quem vê? Ou seja: é aquele que narra ações a partir da experiência que tem delas, ou é aquele que narra ações a partir de um conhecimento que passou a ter delas por tê-las observado em outro?” (SANTIAGO, 2000, p.44).

No caso de Pepetela, ele opta por um olhar narrativo que extrai ação narrada numa atitude semelhante à de um espectador. A ação narrativa torna-se espetáculo a que o narrador assiste. O narrador não é atuante, e sim observador privilegiado. Entretanto, o escravo-narrador não é um decalque do seu modelo cotidiano. Se assim o fosse, não seria personagem de romance. O romance, como obra de arte, busca jogar luz no imaginário, abrindo brechas e fendas num realismo externo, fechado, uniforme que acaba minimizando o fazer literário. O silêncio do escravo-narrador em relação às personagens à sua volta “adquire um significado paradoxal, pois indica uma textualidade que está ausente dos espaços literários legitimadores, mas que, ao mesmo tempo, insinua-se como uma presença potencial”. (PEREIRA, 2002, p.42)

A dimensão humana de um escravo capaz de ser o narrador adquire uma dimensão transreal que favorece ao leitor ao ler a história pela voz do oprimido. O olhar



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

do narrador recai sobre aqueles que decidem a sua vida e o seu mundo, entretanto o narrador-escravo é um sujeito angolano que vive e conta a História e a sua história. Dentro do universo ficcional, a História mistura-se às subjetividades, incluindo, assim, a descrição fatural. Esse narrador não detém a autoridade plena, mas inventa, ficcionalmente, e preenche os espaços vazios. O passado torna-se, portanto, matriz de desconfiança e relativização, é um ponto a se indagar na construção do homem escravizado.

Sem dúvida o ser humano encontra-se no personagem romanesco. Mas encontra-se catarticamente integrando as suas dimensões transreais. A atividade humana está dirigida no sentido do atendimento de necessidades imediatas; o seu ideal, a sua preocupação, é uma meta concreta. Na ficção não é a meta o principal; é a força que, em função da meta, tudo mobiliza. Porque a estrutura da obra é mais complexa, nela estão inseridos o real, o irreal e as categorias intermediárias que articulam esses dois mundos. (PORTELLA, 1985, p.64)

Pepetela, ao optar pelo narrador-personagem, faz questão de ressaltar a mudez do seu narrador-escravo que não partilha o seu conhecimento da realidade com os outros personagens da obra. Apenas conosco, leitores, há este envolvimento crítico do olhar de um homem, que não é visto como tal, sequer nomeado. Insere-se, portanto, numa perspectiva de apresentar-nos o escravo como sujeito histórico ativo, ao contrário de objeto sem humanidade e vontade própria; resgata, pois, as possibilidades de resistência e manobras dentro do cativo. Também, em sua opção pelo foco narrativo em primeira pessoa, o escritor explicita a sua origem angolana, valoriza o ser marginalizado. Essa opção é estética e confere ao discurso literário complexidade e criatividade. Dois planos são evidenciados na obra: a representação histórico-social de uma família mestiça em Angola, no século XVII e a realização estético-expressiva que se apropria de recursos específicos para a consecução dos significados desejados pelo autor – escritor do século XX.

O escravo-narrador enuncia uma transgressiva biografia do seu dono, Baltazar Van Dum, próspero traficante de origem flamenga cuja habilidade para lidar com os negócios fizera dele uma figura central nos jogos de poder que disputavam o controle da



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

máquina escravista. Gerenciando uma rede de afetos e interesses que se multiplicavam para além da sua grande família de filhos mulatos, estendendo-se a influentes amizades entre holandeses, portugueses e congolese, Baltazar apresenta-se, enfim, como uma personagem emblemática para observarmos a construção de uma identidade mestiça produzida pela experiência colonial.

Afinal o meu dono fazia coisas nas minhas costas, escondia-me dados importantes? (...) Abri mais os ouvidos e a partir dessa noite dormi ainda menos. A imaginação trabalhava para me entreter nas horas de espera. Grande sonso, o meu dono, não era mesmo feio trair o seu escravo de estimação? Nunca lhe pedi nada, nem mesmo a liberdade, não perco tempo nem saliva a pedir o impossível. Não merecia ao menos um pouco de transparência nos seus gestos, eu que me alimento praticamente do que vejo e oiço? Não é só curiosidade vã, eu tenho sentido da história e da necessidade de a alimentar, embora os padres e outros europeus digam que não temos nem sabemos o que é História. Sou muito diferente do governador Pedro César de Menezes, que deixou perderem-se todos os documentos de Luanda (...). (...) Depois somos nós que não temos sentido da história, só porque não sabemos escrever. Eu, pelo menos, sinto grande responsabilidade em ver e ouvir tudo para um dia poder contar, correndo as gerações, da mesma maneira que aprendi com outros o que antes sucedeu. Por isso o meu dono não tinha o direito de tentar me esconder tão magnos acontecimentos que passam na sua cabeça, mesmo se um pouco loucos. (PEPEPTELA, 1997, p.118)

Os papéis estereotipados do colonizador e do dominado estão invertidos numa clara postura paródica. Ou seja, os lugares das identidades estão numa ordenação outra que não aquela cujo discurso colonial asseverava como local de poder. Os sujeitos da colonização, seja o colonizador, seja o colonizado, ultrapassam a generalização; estão colocados numa projeção e introspecção que marcam, sem rigidez, as suas, posições na colônia. (TUTIKIAN, 2006)

Com foco narrativo em primeira pessoa, a reconstrução ficcional, a partir da voz do escravo, traz à ribalta o recalcado, uma vez que a estrutura do discurso busca investigar o latente. Ao colocar a mudez do narrador, projeta-se um olhar que rompe com o legado cultural de neutralização e dá legitimidade à fala de um sujeito-narrador violentado, no plano físico e psicológico pela lógica da escravidão.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Essa seria, pois, a função do romancista, estrategicamente camuflado na máscara do bufão: trazer a público o que não é do conhecimento geral, o que está sonogado como informação ou como saber. E Pepetela faz isso admiravelmente em A gloriosa família, mostrando o que há por detrás das entidades conhecidas apenas superficialmente, como a famosa Companhia das Índias Ocidentais, que se ocupou, principalmente, de fazer lucro de investidores pela captura de escravos e do odioso tráfico negreiro. (GOULART, 2007, p.139)

Na obra de Pepetela, a identidade representa um questionamento da imagem – um escravo, seja ele mudo ou não, não poderia ser o narrador da história da gloriosa família de um holandês vencedor na África, principalmente aos olhos e vozes eurocêntricos. Entretanto, a cisão de um sujeito constituído por outro constituinte em seu lugar histórico de enunciação rompe com *status quo* da narrativa tradicional, aquela em que o narrador-personagem deveria explicitar como sabe e por que sabe dos fatos narrativos. Tal mudança obriga aos leitores a uma nova forma de leitura, crítica e tateante. Nós, leitores, ficamos atrás do escravo-narrador, pois é através de suas observações e contra-discursos que apreendemos as leis de ordenação do mundo, africano colonialista.

Na biografia não autorizada de Baltazar, inscreve-se outra narrativa que produz a visibilidade das rotinas hipócritas e violentas, de sujeição e de resistência, que disciplinava as sociedades constituídas sob a dominação patriarcal e mercantil. O narrador-personagem, ao produzir a história dessa gloriosa família, torna-se sujeito cuja experiência, marcada na pele, se estende na memória ficcional. A casa e o quintal, espaços de poder e de trocas simbólicas e materiais entre os membros da família representam a microestrutura doméstica das ambivalências e impasses do desejo colonial que se relacionam com uma macroestrutura de dimensão política, em que os processos de negociação obedecem à lógica do colonialismo do século XVII. Segundo Laura Cavalcante Padilha (2007), o processo de subversão que se instaura no romanesco, é o vetor da obra que se desloca do narrativo para o textual, o que produz novos sentidos ao discurso narrativo. O sujeito que narra a história emerge do silêncio africano. Sem lugar em sua tribo de origem, o escravo - mudo tenta dar significado a sua vida num mundo que não o vê como ser de subjetividades.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Dois blocos narrativos se cruzam na obra: as epígrafes a nos situar dentro da história da África, em particular, a história angolana, principalmente relatada pelos europeus, e a narração do escravo ao revés, preenchendo os ermos através da imaginação.

Essa estratégia de blocos permite que o narrador-personagem se disfarça em uma falsa terceira pessoa, já que empresta a voz narrativa a vários personagens durante o enredo, buscando convencer o leitor da veracidade da sua versão. O narrador-personagem se aproxima do fato narrado como de um relato histórico. Já as epígrafes, em terceira pessoa, pretendem persuadir o leitor de que o evento relatado está sendo descrito com o máximo de precisão. A metalinguagem está presente na voz do narrador e nos diálogos com o leitor, numa busca de explicitar o seu processo de narração.

A ordem cronológica do romance percorre todos os capítulos da obra. Cada um deles traz, no título, o nome de um mês diferente, destacando os sete anos da ocupação holandesa em Angola. Ao passo que, dentro da narrativa, o escravo-narrador vai cumprindo um processo de auto-descobrimto como sujeito, como indivíduo que, lentamente, vai recuperando, pelos gestos e pelo hibridismo, a sua humanidade.

A narrativa do escravo, pontilhada por ironias e exageros do texto fantástico, marca a presença desse narrador testemunhal e mágico que se insere no final trágico de Thor, mas que suscita a permanência do amor na metamorfose do corpo afogado em flor: como também no final da obra, quando o autor se revela para nós, leitores.

Os três regressaram imediatamente à senzala, me dando espaço para aproximar da borda da lagoa. Apanhei o colar de unhas de leão, seria útil um dia por causa das feras que vinham beber à noite na lagoa. E então eu vi. O sangue de Thor, boiando à superfície, se transformava em folhas redondas de nenúferas e delas cresciam hastes com flores brancas. Flores brancas como as dos jarros e que exalavam um perfume muito forte. Com um pau consegui puxar uma folha de nenúfar e colhi uma flor. Para oferecer a Rosário. Flor que ela guardaria para sempre. (PEPETELA, 1997, p.247)

Observamos que o narrador testemunhou todos os passos da morte de Thor e, mais ainda, observamos que ação do escravo terá conseqüências futuras e eternas para Rosário. Mais uma vez são as formas verbais que nos indicam a posição do narrador em



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

relação ao que é narrado. O escravo domina todos os tempos da narrativa e vai-nos dando pistas de quem ele é realmente.

Pepetela parte da premissa da crença da possibilidade em conhecer subjetivamente o passado, a fim de transformá-lo em ficção, destacando as particularidades da vida particular ou privada de personagens históricos. As ações colonialistas praticadas pelos europeus, os "grandes homens" em Angola, são reduzidas antes às suas motivações pessoais, não existindo nada que possa dotá-las de um significado que transcenda o interesse particular, conferindo-lhe uma dimensão universal. Enfatiza que o processo de assimilação e mestiçagem é impossível de se conter no processo dialético da colonização. (BOSI, 2000) Como a dizer que o processo colonialista não prescinde do colonizado e vice-versa.

Do texto de Pepetela, podemos dizer ainda que ele trabalha, sem complexos, a mesclagem de linhas externas com elementos da tradição angolana. Evitando o caminho da falsa originalidade, calcada no plano exótico, a narrativa realiza um processo de apropriação ao selecionar e acolher modelos que transforma ao transpô-los para a realidade. (CHAVES, 2005, p.74)

A voz do autor é expressa pelo escravo mudo, que se comunica com os leitores. O escravo-narrador-personagem preenche os vazios, os silêncios, os apagamentos da história angolana através da imaginação e do realismo fantástico. Num processo de subjetivação da História Oficial, o escravo vai dando conta da micro-história angolana como sujeito do processo colonialista luso-holandês.

Há que se atentar, que a ruptura com o real é trazida à ficção de Pepetela na transposição da própria cultura Africana. Essa ruptura reside no cerne da identidade africana uma vez que a integração com o cosmo, o animismo e o fetichismo religioso terminam descrevendo modelos eternos de comportamento, de leis essenciais do cosmo social e natural. A ruptura com o real é a vivência mesma de uma realidade relacionada ao destino humano e ao próprio destino do mundo, representada por imagens fantásticas, por deuses e espíritos que regem o mundo. (TUTIKIAN, 2006, p.119)

www.veredasdahistoria.com



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

O corpo de Thor transformado em flores no rio, em que foi morto por Dimuka; as previsões de Matilde sobre a hegemonia da família Van Dum, durante sete anos malufos em Angola; o próprio narrador que

Usando poderes desconhecidos, dos que se ocultam no pó branco da pomba ou nos riscos traçados nos ares das encruzilhadas pelos espíritos inquietos. Fosse de que maneira fosse, tive a certeza de o meu relato chegar a alguém, colocado em impreciso ponto do tempo e do espaço, o qual seria capaz de gravar tudo tal como testemunhei. (PEPETELA, 1997, p.394)

Pepetela, um sujeito africano, interroga o poder e o saber do processo colonialista. Buscando “subverter a subalternidade” (SOUSA SANTOS, 2000, p. 32), a narrativa de **A Gloriosa Família** – O tempo dos flamengos (1997) torna-se inesperada, transitando entre a ficção e a história, o narrador-escravo dedica-se a modelar a identidade angolana num viés mestiço e mágico, a partir da genealogia da família Van Dum.

Bibliografia

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura: História e Política**. São Paulo: Ática, 1989.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- CHAVES, Rita (Org.). **A Kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007.
- GOULART, Audemaro Taranto. A Gloriosa identidade: a afirmação da literatura africana num romance de Pepetela. In: CHAVES, Rita (Org.). **A Kinda e a Misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007.
- HAMILTON, Russel. **África & Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.
- HILDEBANDO, Antônio. **África & Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre a voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: Ed. UFF, 2007.
- PEPETELA, **A gloriosa família: o tempo dos flamingos**. Lisboa: Publicações Don Quixote, 1997.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

- PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Brasil afro-brasileiro** / organizado por Maria Nazareth Soares Fonseca. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PORTELLA, Eduardo. **Teoria da comunicação literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. **Discursos sobre a “África” e fantasmagorias colônias em obras de Mia Couto e Pepetela**. In: CHAVES, Rita (ORG.). *A Kinda e a Misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007. p. 241-257.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade**. In: Ramalho, Maria Irene & Ribeiro, António Sousa (Org.). **Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade**. Porto: Afrontamento, 2002.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **Travessia e rotas das literaturas africanas de língua portuguesa (das profecias literárias às distopias contemporâneas)**. **Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural**. Feira de Santana: UEFS, nº1, 2001/2.

www.veredasdahistoria.com